

**NOS BRAÇOS DA PRIMEIRA DAMA
O LUGAR DA INFÂNCIA MEDIEVAL NOS ESCRITOS
DOS MESTRES ALAIN DE LILLE (1128-1203), JOÃO DE
SALISBURY (C.1115-1180) E ADELARDO DE BATH (1080-
1152)**

In the arms of the first lady

**The place of the medieval childhood in the writings of the
masters Alain of Lille (1128-1203), John of Salisbury (ca.1115-
1180) and Adelard of Bath (1080-1152)**

Professor Dr. Carlile Lanzieri Júnior (UFMT – *Vivarium*)
Docente da Graduação e Pós-Graduação da Universidade Federal do Mato Grosso
Departamento de História
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7190-6809>
E-mail: lanzierijunior@uol.com.br

Recebido em: 20/07/2020
Aprovado em: 20/09/2020

Resumo : Não houve lugar para a infância na Idade Média. Uma afirmação que se enraizou na historiografia ao longo da segunda metade do século passado. Pretendemos aqui analisá-la e apontar novos caminhos analíticos. Caminhos que têm como referências os testemunhos deixados por personagens como Alain de Lille, João de Salisbury e Adelardo de Bath. A partir da importância que deram à Gramática, a primeira das Sete Artes Liberais, confiamos ter elementos suficientes para afirmar que o medievo ocidental, e em específico os séculos XI e XII, voltou seus olhos para as crianças e os adolescentes.

Palavras-chave: Educação – Gramática – Idade Média – Infância

Abstract: There was no place for childhood in the Middle Ages. A statement that was rooted in the historiography in the second half of the last century. We intend here to analyse it and point out new analytical ways. Ways that have as references the testimonies left by characters like Alain of Lille, John of Salisbury and Adelard of Bath. From the importance they gave to Grammar, the first of the Seven Liberal Arts, we believe we have enough elements to affirm that the western Middle Ages, and specifically the eleventh and twelfth centuries, turned their eyes to the children and teenagers.

Keywords: Education – Grammar – Middle Ages – Childhood

I. Das chamas da violência à resistência da civilização

Queimar ou não os livros da própria biblioteca para vencer o frio e a fome durante o rigoroso inverno da região balcânica. Este foi o teor da dramática conversa entre András Riedlmayer, bibliotecário e historiador especialista em história islâmica da renomada Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, e um dos sobreviventes ao cerco à cidade de Sarajevo, atual capital da Bósnia e Herzegovina, no início dos anos 90 do século passado. Esse impasse existencial se deu no auge da Guerra da Bósnia (1992-1995). De acordo com o relato emocionado do sobrevivente, a solução para os próprios problemas era simples, estava bem ali diante dos olhos, ao alcance das mãos... Bravamente, optou por enfrentar a escassez de comida e as baixas temperaturas dos Bálcãs. Como recompensa, os livros continuaram preservados nas estantes nas quais há tempos estavam guardados (BATTLES, 2003: 188-189).

Sem sombra de dúvida, o drama narrado por András Riedlmayer traz à tona um dilema compreendido apenas por almas sensíveis e abertas a todos os tipos de conhecimentos. Uma decisão difícil foi tomada. Difícil, mas igualmente elevada, altruísta. Civilizada, com todas as letras. Do contrário, transformados em combustível, os livros durariam apenas algumas horas; talvez dias, no máximo. Preservados, continuaram a atravessar gerações a dividir e multiplicar os conhecimentos guardados em suas páginas. Alimentariam almas. Enfim, a solução rápida, individual e meramente paliativa não faria muito mais que reduzir a cinzas séculos (ou talvez milênios) de saberes cuidadosamente lapidados e acumulados. Em outras palavras, perda de um imenso manancial intelectual constituído por múltiplos fragmentos de sabedoria oriundos de pessoas, lugares e épocas diferentes. Críticas ao presentismo tecnicista de fins puramente lucrativos de nosso tempo encontrados nas linhas e entrelinhas que formam estes primeiros parágrafos não são uma mera coincidência...

II. Uma incrível força advinda do uso

Até por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la. É difícil crer que essa ausência se devesse à incompetência ou à falta de habilidade. É mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo. [...] até o fim do século XIII, não existem crianças caracterizadas por uma expressão particular, e sim homens de tamanho reduzido. [...] os homens dos séculos X-XI não se detinham diante da imagem da infância, que esta não tinha para eles interesse, nem mesmo realidade" (ARIÈS, 1981: 17-18).

As palavras acima transcritas foram deixadas há algumas décadas pelo historiador francês Philippe Ariès (1914-1984) logo nas páginas iniciais de seu prestigiado *História social da criança e da família* (1981). Publicado pela primeira vez na França no início dos anos setenta do século passado, o livro de Ariès traz uma tese cuja força se mantém até hoje única e exclusivamente pelo uso: no medievo, não havia lugar para as crianças. Estas eram tratadas como adultos em miniatura, não mais que isso. Simples assim. Tal situação começaria a mudar apenas em fins do século XIII, período descrito por uma historiografia mais tradicional como uma espécie prelúdio da

modernidade urbana, laica, burguesa e racional que ganhou corpo nos séculos subsequentes.

Ainda de acordo com as afirmações de Philippe Ariès, em função das doenças e de uma mortalidade infantil à época elevada, os nascimentos não eram logo registrados (quando registrados). As mortes dos recém nascidos também não eram sentidas por seus genitores. Não há como negar: implicitamente (e como tantos outros já haviam feito), Ariès se pôs a referendar a velha abordagem iluminista que por vários séculos agarrou-se à necessidade de se consolidar ao tomar o medievo como contraponto mal acabado. Portanto, assim como o Estado, as leis escritas, a economia e o progresso científico e filosófico, a infância somente foi de fato concebida e definitivamente alçada à significância já sob as luzes da modernidade. O lugar comum representado na historiografia pelas afirmações de Ariès impressiona pela condição assumida nas décadas posteriores à sua publicação: uma espécie de marco zero das interpretações históricas para o referido tema. Eis alguns exemplos que indicam o quanto tal tese se impregnou no senso comum.

O primeiro deles por nós selecionado é dado por Mario Alighiero Manacorda (1914-2013) com *História da educação: da antiguidade aos nossos dias* (1989). Em um tom vez ou outra áspero para se referir às práticas educacionais medievais, Manacorda afirmou que os monges cristãos, por exemplo, eram homens frustrados. Por isso, tinham a necessidade de dia a dia surrar as crianças e adolescentes que com eles viviam nos mosteiros. O objetivo: dar um mínimo de vazão à raiva e insatisfação que traziam guardadas no peito. Na leitura de Mario Alighiero Manacorda, nenhum aprofundamento acerca das diferentes razões e tradições longevas por trás de tais punições. De forma semelhante, nenhuma palavra acerca das reações de quem sentiu tudo isso na própria pele quando já se encontravam na vida adulta. A abordagem de caráter iluminista também aqui se fez presente.

Tempos antes da publicação de seu famoso livro, Philippe Ariès (1962: 138) já havia afiançado que as práticas educacionais medievais difundidas sobretudo nas catedrais não visavam a criação e sim a mera repetição. Uma vez mais, nenhuma documentação consistente foi tomada como respaldo. Mas é a persistência das ideias contidas em *História social da criança e da família* que de fato impressiona. No monumental *São Luís: biografia*, Jacques Le Goff (1924-2014) apenas roçou os dedos sobre a tese de seu compatriota (LE GOFF, 1999: 36). Com um leve toque corporativista, não a encarou de frente a apontar falhas, limites e generalizações. Anos depois, em livro escrito a quatro mãos com Nicolas Truong, *Uma história do corpo na Idade Média*, Le Goff retomou o raciocínio de Ariès e o que ele próprio havia escrito na biografia de Luís IX (1214-1270) (LE GOFF & TRUONG, 2006: 100-101). Desta vez, seguiu um pouco mais adiante ao propor que no medievo, ainda que de uma maneira diferente da que atualmente prevalece, os pais demonstraram afeto pelos filhos, um sentimento que cresceu sobretudo a partir do século XIII. Uma discordância? Sim, mas não muito... Em linhas gerais, as poucas páginas dedicadas por Jacques Le Goff e Nicolas Truong ao tema se mostraram sobremaneira comedidas.¹

No Brasil, para buscar um exemplo mais próximo, no manual paradidático *História da educação: de Confúcio a Paulo Freire* (2014), os irmãos Claudino Piletti e Nelson Piletti resumiram toda a pedagogia medieval a dois nomes: Agostinho de Hipona (354-430) e Tomás de Aquino (1225-1274). Nenhuma palavra a mais. Nenhum personagem a mais. Até aqui, nenhuma novidade. Séculos de histórias e conhecimentos

prensados em meia dúzia de páginas nas quais assertivas eivadas de preconceitos reducionistas grassaram faceiras, livres, leves e soltas. Encontraram um lugar para as crianças? Não. Outra vez, a imposição de um releu contraponto negativo para enfatizar algo supostamente maior e mais importante. As sombras de Philippe Ariès e de uma certa historiografia francesa presente em terras brasileiras desde a década de 80 do século passado pairam silenciosas sobre as questionáveis propostas da dupla de irmãos autores de dezenas de livros didáticos e paradidáticos. Embora não sejam especialistas em Idade Média, Claudino e Nelson Piletti indicam o quando a tese do historiador francês há tempos fincou raízes no senso comum.

Muito antes de Claudino Piletti e Nelson Piletti, Ruy Afonso da Costa Nunes apresentou um estudo introdutório a respeito da educação medieval em seu *História da educação na Idade Média* (2018). Por décadas fora de catálogo (a primeira e única edição é do ano de 1979), o livro de Nunes foi reeditado no último ano em uma cuidadosa edição. Esta foi tratada como uma das representantes da retomada do pensamento conservador brasileiro – retornaremos a essa questão nas considerações finais. No momento, o que nos importa é o fato de que Nunes, embora alheio ao que Philippe Ariès escreveu, manteve-se preso em uma abordagem institucional que abriu pouco ou nenhum espaço para pensar a educação infantil de então e suas especificidades. Ainda que não tenha dito isso abertamente, Ruy Afonso da Costa Nunes enxergou as crianças, mas de longe. Na verdade, bem de longe. Mas ainda há esperança. E esta se encontra em rebentos historiográficos nascidos mormente nas duas primeiras décadas deste século. Vamos a alguns deles.

Em *As pessoas na Idade Média*, Robert Fossier (2018: 41) ousou colocar o dedo em uma das feridas do argumento de Philippe Ariès. Embora sucinto, Fossier afirmou que existiu um lugar para as crianças no medievo. Estas não eram pequenos adultos para os quais se dava pouca ou nenhuma atenção. E esse lugar pode ser observado na tristeza demonstrada pelos pais diante da morte de um filho ou de uma filha, mesmo que fossem recém nascidos. Outra crítica igualmente sucinta à visão generalista de Ariès e aqueles que com ela concordam está em uma igualmente breve passagem escrita por Sean McGlynn em *A hierro y fuego: las atrocidades de la guerra en la Edad Media*. Estudioso da guerra e da violência no medievo inglês, McGlynn disse também não concordar com essa proposta vendida há anos no atacado e no varejo com as cores de uma verdade única e definitiva (McGLYNN, 2009: 29). McGlynn, porém, assim como fez Fossier, não aprofundou a temática deixada sobre a mesa. Como este não era o assunto principal de seu livro, apenas teceu algumas críticas resumidas a dois ou três parágrafos. Nem mesmo sugestões de livros ou documentos alternativos foram por ele mencionados. Todavia, ainda que tímidas, as inquietações reveladas por Robert Fossier e Sean McGlynn são um alento.

Os questionamentos que enfim fizeram desafinar o coro dos contentes e desafiaram os argumentos de Philippe Ariès a partir de dentro se tornaram sobremaneira comuns na década passada. Isso se deve sobretudo ao trabalho de pesquisadores de língua inglesa ainda desconhecidos no Brasil. Entre estes, gostaríamos de citar Sarah Lynch e Ben Parsons. Se Ariès descobriu na arte razão suficiente para esticar suas linhas argumentativas e veladas críticas ao mundo medieval, foi justamente nela que Lynch se embrenhou para afirmar exatamente o contrário (LYNCH, 2015: 296-298 e 2013: 44-61). De acordo com ela, em estudos de caso baseados na cidade de Lyon, na França, as adaptações e construções de espaços específicos para crianças e jovens nas dependências de mosteiros e catedrais indicam que possuíam um lugar naquela

sociedade, e os homens da Igreja tiveram papel fundamental neste processo.² Portanto, se a iconografia dos séculos XI-XIII supostamente ignorava a infância, a arquitetura, possivelmente inspirada em uma conhecida passagem dos Evangelhos, as recebeu de braços abertos.³ E Lynch (2017: 9 e 157) foi mais adiante ao fazer críticas contundentes à maneira como a historiografia lidou com a educação dos mais jovens na Idade Média: praticamente a ignorou em prol das universidades que foram tomadas como representantes da institucionalização definitiva do saber letrado. Ainda de acordo com ela, ênfase alguma foi dada à preparação básica inicial dos alunos, crianças e jovens. Preparação esta que se dava bem antes de adentrarem nesses locais.

Por sua vez, nas páginas do recém publicado *Punishment and medieval education* (2018), Ben Parsons fez uma extensa e detalhada pesquisa acerca das diferentes razões para a existência de uma longa pedagogia que previa punições físicas com varas e açoites, algo frequente na Antiguidade e no medievo. Ao contrário do que muitos incautos e desavisados podem imaginar, a busca pela dosagem correta dos castigos também foi uma constante, sobretudo na Idade Média. Excessos e injustiças eram criticados, especialmente quando tornavam as crianças e os jovens indisciplinados ainda mais refratários aos estudos.⁴ E é justamente nessa busca por equilíbrio que identificamos a importância então dada aos mais novos. Do contrário, o que explicaria tamanho rigor e preocupação? Afinal, quem ama educa... e pune!

Na sequência dos estudos em língua inglesa com os quais dialogamos, gostaríamos de mencionar a coletânea *Teaching and learning in northern Europe*, lançada no ano de 2006. Logo na Introdução, os organizadores Jay Rubenstein e Sally Vaughn tocaram na questão central que norteia este artigo e, por conseguinte, na importância de se pensar as práticas educacionais anteriores às universidades. Contudo, apesar de seu imenso valor e inquestionável pioneirismo, a referida coletânea ateu-se a aspectos mais formais da educação fomentada nas escolas dos mosteiros e das catedrais urbanas entre os séculos XI e XIII. A preocupação fundamental dos autores que participaram da obra foi com a pedagogia que existiu nesses lugares e com vários dos mestres que ajudaram a desenvolvê-la. Com efeito, embora mencionada em um capítulo ou outro, a educação pensada especificamente para as crianças e a presença delas na sociedade medieval manteve-se como uma temática secundária.

Já nos limites da Introdução de *Educating people of Faith* (2004: 1-26), John Van Engen nos faz compreender não apenas o valor da constatação de que no medievo houve um lugar para as crianças, um lugar ao mesmo tempo físico e emocional. Para além disso, Engen nos induz a novamente pensar que essa preocupação deve ser entendida a partir das expectativas dos protagonistas do período, anônimos ou não. E uma parte significativa delas está na religião. Religião que deve ser entendida não apenas como um conjunto de ritos e ações pessoais realizadas em um lugar específico, mas como uma prática social com a capacidade de moldar todas as instâncias da vida de uma pessoa. Uma prática social cujo objetivo era instruir desde muito cedo e que não se resumia às formalidades de contextos letrados. Ainda de acordo com John Van Engen, se existia uma atenção maior para com ensino dos menores desde a mais tenra idade, é factível pensar que esse saber possuía características outras que a cultura letrada contemporânea muitas vezes não consegue captar.

Por fim, de volta ao Brasil, encontramos no artigo *A educação infantil na Idade Média*, de Ricardo da Costa (2003: 99-115), críticas interessantes às conhecidas assertivas de Philippe Ariès. Na contramão de abordagens que definiu como simplistas e

anacrônicas, Costa asseverou que estas foram construídas tendo como referência o mundo moderno. Portanto, não partiram dos horizontes de experiências próprios do contexto com o qual trabalhamos. Ainda segundo este pesquisador, quando lidas de maneira criteriosa, as fontes primárias dizem exatamente o contrário do que a historiografia costuma propor: os egressos dos mosteiros, por exemplo, eram pessoas felizes e saudosas dos tempos de estudantes. Assim, a longo prazo, quando utilizados com a intenção de corrigir e orientar, os castigos produziam efeitos positivos. Pioneiro em terras brasileiras, o estudo de Ricardo da Costa abriu portas. Todavia, desde então, foram bem poucos os que decidiram entrar e verificar o que mais havia por trás delas.

Portanto, no que se refere ao esquecimento da educação destinada a crianças e jovens no medievo, é possível afirmar que isso foi consequência das ações de uma historiografia que deu maior ênfase às instituições e às ideias de pessoas com suas trajetórias de vida consolidadas. Tal ênfase fomentou a permanência de certezas rasas que prosseguiram em evidência pelo simples fato de que a maior parte dos medievalistas ao longo de vários anos pouco se interessou pelas histórias em torno de tais práticas e dos personagens que viveram a educação no medievo desde as primeiras lições. Em suma: foi como se apenas aquilo que espelhasse as sociedades modernas despertasse interesse. Quais foram as etapas iniciais da formação desses homens e mulheres de outrora em seus primeiros anos de vida? A quais pedagogias essas pessoas foram submetidas? Qual a importância das tradições orais nesse contexto? Há um longo caminho a ser percorrido, mas não mais cabe lugar para a tese de que os medievais não acolheram seus filhos. Como complemento necessário, a relação com as artes liberais, e com a Gramática em específico, certamente nos ajudará a pensar com mais profundidade a respeito dessa questão.

III. A primeira dama e sua corte

A Gramática foi a primeira das Sete Artes Liberais. Juntamente com a Retórica e a Dialética, compunha o *Trivium*, as três vias necessárias aos conhecimentos relacionados à linguagem. Uma arte voltada não apenas para a escrita e a pronúncia correta das palavras, mas também para a compreensão elevada e crítica dos textos lidos (BECHARA, 1999: 38; LECLERCQ, 1961: 17-18). Pela Gramática, aos poucos, os estudantes seriam capazes de organizar as ideias e as traduzir em narrativas de diferentes naturezas. Até mesmo as leis precisavam dela para ganhar organicidade e capacidade de disseminação (JOSEPH, 2008: 25). Por tudo isso, a Gramática constituía um dos esteios do que então se concebia como um mundo civilizado: um mundo habitado por homens verdadeiramente livres e capazes de construir pensamentos próprios. Não compreendê-la seria o mesmo que reduzir a vida humana à condição animal, prendê-la a ferros à condição dos que não estariam aptos a traduzir e conectar as ideias elevadas pertencentes às esferas superiores do universo.

Escolhemos aqui analisar os apontamentos deixados por três mestres que à sua maneira escreveram sobre a Gramática ao longo do século XII. Com os escritos deles em mãos, confiamos que não apenas será possível conhecer um pouco mais as percepções que deixaram acerca dessa arte, mas também que sua crescente valorização sinaliza que havia no medievo uma permanente preocupação com as crianças e com os jovens. A condição de ser a primeira etapa da formação educacional de então, tornava a

Gramática uma arte logo presente em suas vidas. Portanto, as especificidades em torno de uma pedagogia que a valorizava como uma das bases da formação letrada de uma pessoa surgem como evidências que nos ajudam a dar solidez à nossa proposta e questionar as certezas que se cristalizaram em uma parcela significativa da historiografia e em manuais introdutórios ao longo de quase toda a segunda metade do século passado.

*

O primeiro dos três referidos mestres é o teólogo e poeta de origem francesa Alain de Lille. Nas muitas de suas andanças à procura de conhecimentos, Alain tornou-se discípulo de Pedro Abelardo (1079-1142), Gilberto de Poitiers (1076-1154) e Teodorico de Chartres (1100-1150). Entre outros, tais personagens o aproximam de João de Salisbury, outro protagonista de nossa trama, e da cultura chartrense edificada entre os séculos XI e XII. Concebido em forma de poema e dividido em nove livros, o *Anticlaudianos* de Alain de Lille elenca uma série de considerações acerca das Artes Liberais e de como estas estavam conectadas entre si e com a formação do que ele próprio determinou como "o homem perfeito". Como não poderia deixar de ser, a Gramática foi a primeira arte a despontar nas páginas da citada obra. Nas palavras de Alain:

Essa dama ensina os infantes a falar, a soltar a língua amarrada e a moldar as palavras de uma maneira apropriada. Um vestuário branco feito de papiros egípcios a cobre. Ela não prejudica sua beleza e sua beleza não a prejudica. Roupas e beleza unidas em um charmoso casamento, e ambas fazem homenagens mútuas (ALAIN DE LILLE, *Anticlaudianos*, Livro II, 393-416).

Se referências a temas comuns aos escritos de personagens-chave da cultura que se fez aos pés da Catedral de Chartres podem ser identificadas no *Anticlaudianos*, o mesmo pode ser aventado a respeito de possíveis reminiscências de clássicos da cultura greco-romana, como, por exemplo, as *Eneadas* de Plotino (c.204-270).⁵ Assim como Plotino, Alain compreendia que a beleza expressa pelo corpo de uma pessoa deveria possuir uma dimensão ética, e esta era tão ou mais bela que aquela.⁶ Na verdade, as duas precisavam existir em harmonia. Para ambos, pouco ou nada valia ser belo e não ser bom. Para ambos, pouco ou nada valia apegar-se à própria beleza física e apartar-se do viver de acordo com a prudência e a sapiência. Erguido sobre os ombros largos de Plotino, Alain fixou os olhos na harmonia e assim escreveu:

O dano causado pela cabeça doente fluirá para os membros, os defeitos da raiz azeda serão absorvidos e irão subir até os ramos, a poluição presente nos rios fluirá para os córregos. Que esplendor a lua terá se a luz do sol vai mal? Que fluxo terá a corrente se o abastecimento do rio seca? Do grão haverá fruto, se a espiga cai e murcha? (ALAIN DE LILLE, *Anticlaudianos*, Livro II, 247-274).⁷

Concebido entre 1181 e 1184, o *Anticlaudianus* é um texto sinuoso e prenhe de alegorias. Uma leitura que requer paciência. Em cada página, é nítido o esmero de Alain de Lille para com a consolidação da harmonia entre os conhecimentos.⁸ Para ele, o todo (o corpo humano, uma árvore, um rio, os astros, a espiga) jamais funcionaria com perfeição caso uma de suas partes (a cabeça, a raiz, os córregos, a lua, os grãos) estivesse comprometida (por doenças, poluição, secura do ambiente, escuridão, por perda de viço). Na realidade, a parte comprometida logo disseminaria o mal e faria ruir o restante da estrutura. O uso retórico de metáforas astronômicas (sol e lua), minerais (rios e córregos) e vegetais (raiz e ramos, grão e fruto) impõe um tom suave à proposta de Alain cujo objetivo certamente era admoestar seus leitores, presentes e futuros; muito provavelmente, jovens em processo de formação ou quem deles deveria cuidar.

As conexões com a cultura chartrense expostas por Alain de Lille nos permitem outra plausível conjectura: ainda que à primeira vista distante, um vínculo entre o extrato do *Anticlaudianus* acima transcrito e a conhecida teoria política de João de Salisbury estampada no *Policraticus*.⁹ Para João, a organização política de uma sociedade se assemelhava ao corpo humano. O rei (ou príncipe) seria a cabeça cuja missão primordial era a de bem conduzir os seus, prometendo submissão somente a Deus. Porém, a cabeça funcionaria mal caso não houvesse uma sintonia fina entre ela e as demais partes do corpo. Da mesma forma, um rei (ou um príncipe), por despreparo, imprudência ou negligência, levaria seu povo à perdição. Não obstante, a própria valorização dos ensinamentos oriundos de outras épocas e diferentes mestres tão frequentes nos escritos de João de Salisbury e almejada por Alain de Lille é outro indício que sugere a importância dada por ele a essa conexão harmoniosa dos saberes.

De Alain de Lille, partimos em definitivo para João de Salisbury, um admirador confesso da sabedoria e da ética dos antigos. Crítico ferrenho dos estudantes que lutavam por facilidades e simplificações dos conteúdos ensinados, João foi, ao lado dos mestres Bernardo de Chartres (1070-1130) e Gilberto de la Porrée (1070-1154), um dos expoentes da referida cultura chartrense. E os três estavam entre os pilares sobre os quais ergueu-se o propalado renascimento do século XII. Ele também foi discípulo de Pedro Abelardo, Gilberto de Poitiers e Teodorico de Chartres, fato que sem dúvida o conecta ainda mais ao horizonte de experiências de Alain de Lille. João acomodou nas páginas que compõem os quatro livros do *Metalogicon* suas principais considerações acerca da educação necessária aos mais jovens e das Artes Liberais, dentre estas, a Gramática. Em suas palavras:

A gramática é o berço de toda a filosofia [...], é a primeira dama de todo o estudo das letras. Ela toma todos nós enquanto tenros bebês recém-nascidos do seio da natureza. Ela nos alimenta em nossa infância e nos guia em cada passo na direção da filosofia. Com cuidado maternal, promove e protege o filósofo do início ao fim [de sua busca] (JOÃO DE SALISBURY, *Metalogicon*, Livro I, cap. 13).¹⁰

A condição capital da Gramática para a construção de todos os outros conhecimentos necessários ao homem verdadeiramente livre salta aos olhos durante a leitura desse trecho do livro de abertura do *Metalogicon*. Sem ela, não existiriam, por exemplo, a Filosofia e os filósofos. Mas não se trata da imposição pura e simples de uma hierarquia, ou de uma linearidade curricular a sair do conteúdo mais fácil e progredir na direção do mais difícil. Nada disso. Na verdade, conforme salientado

anteriormente, confiamos estar diante de um dos fundamentos da pedagogia medieval: a harmonia – fundamento este que novamente está em voga com a necessária religação dos saberes defendida por Edgar Morin com o apoio institucional e financeiro da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura). E sem a Gramática, assim como qualquer outra das artes liberais, haveria dissonância, desordem, fragmentação. Enfim, nenhuma harmonia, muitas incertezas.

Outra camada dos extratos do *Metalogicon* e do *Anticlaudianus* ora em questão que merece ser estudada com mais atenção está no uso de variadas temáticas relacionadas à maternidade. Estes elementos eram absolutamente normais na retórica monástica entre os séculos X e XII (BYNUM, 1982: 110-146). Em conjunto, eles produziram representações a descrever um abade – quando não o próprio Jesus Cristo – como uma mãe a cuidar de seus filhos pequenos. Uma mãe sempre disposta a dar-lhes afagos e alimentos, conselhos e advertências. Essas representações se espalharam e ganharam novas feições, mas todas elas relacionadas aos sentidos originais de proteção, orientação e nutrição.¹¹ E ao que tudo indica, assim como Alain de Lille, João de Salisbury sorveu pelo menos uma parcela deste repertório retórico ao dissertar a respeito da Gramática, "a primeira ama de todo o estudo das letras". Tudo isso certamente ajuda a confirmar a tese de Marjorie Chibnall (1984: 79) que há algumas décadas asseverou que eram porosas as fronteiras que separavam os claustros do seu entorno e, conseqüentemente, também eram porosas as fronteiras que separavam as escolas dos mosteiros das escolas das catedrais urbanas. Através delas passaram uma miríade de bens, livros, ideias e pessoas. Um intenso movimento de mão dupla que perdurou por vários séculos (WEI, 2012: 77 e 85).

O emprego de uma retórica de cariz materno também é observada no terceiro e último personagem desta nossa trama. Figura que se tornou conhecida por suas andanças para além dos limites da Cristandade então conhecidos e por ser um dos primeiros testemunhos e difusores dos saberes árabe-islâmicos no ocidente latinófono (LIBERA, 2004: 344), Adelardo de Bath deixou para o próprio sobrinho um conjunto de escritos que tem as Artes Liberais como temática central. Com desenvoltura, a dama atenta que ensina, cuida e alimenta a sua descendência também caminhou pelas páginas iniciais do *De eodem et diverso* de Adelardo que a ela assim se referiu:

Em relação a essa primeira [dama], que você vê a empunhar uma férula [vara] com a mão direita e um livro marcado com inúmeras correções com a esquerda, ela alimenta em seus berços aqueles que estão a entrar nas artes liberais e instila o primeiro leite em suas bocas. Sem a sua nutrição, estenderá em vão as mãos para a sabedoria [...]. Mas em relação aos que foram apanhados em sua rede, não deve haver dúvida de que excedem os outros homens pela arte racional de falar tanto quanto os homens excedem as bestas em função do dom da razão (ADELARDO DE BATH, *De eodem et diverso*, p. 35).¹²

Neste fragmento do *De eodem et diverso*, Adelardo de Bath faz a Gramática reaparecer como uma mãe zelosa ladeada por sua prole. Uma mãe que tem nas mãos uma vara e um livro, respectivamente, símbolos notórios da disciplina e do conhecimento. Tal descrição é um verdadeiro tópos nos textos do período por nós trabalhado e além. E, de maneira similar, a Gramática foi delicadamente cinzelada na rocha e posta nas fachadas de imponentes catedrais hoje reconhecidas como legítimas

representantes da arte gótica do medievo central. Entre estas, podemos citar Chartres e Sens (cf. CLEAVER, 2016: especialmente os capítulos I e II). No caso desta última (imagem abaixo), é possível observar a Gramática sentada acompanhada por dois juvenzinhos cobertos por túnicas levemente onduladas. Provavelmente, estavam a receber as primeiras instruções (e punições!). Em Sens, assim como em diversas outras catedrais, a primeira dama das letras parece ter saído diretamente das páginas do *De eodem et diverso* de Adelardo de Bath para ganhar formas e cores nas paredes de edificações ainda hoje reconhecidas pelo incentivo que deram à produção de conhecimentos em suas dependências.



Em pose majestática e com a cabeça inclinada para baixo, a Gramática "alimenta" seus jovens discípulos.

Fachada oeste de Catedral de Sens, portal central (foto de Laura Cleaver)

Imagem disponível em: <http://merg.soc.srcf.net/journal/09education/cleaver.php>.

Acesso em 15 jan 2020.

Conforme dito linhas atrás, a natureza materna da Gramática é fartamente afirmada na literatura dos séculos XI e XII. Foi justamente nesse período que Alain de Lille, João de Salisbury e Adelardo de Bath viveram e aprenderam, ensinaram e escreveram, para os seus e para os pósteros. Foi também uma época de profundas mudanças. Segundo o que aqui escrevemos e em outras oportunidades, a conhecida expressão “renascimento do século XII” não é um fruto do acaso, ou um mero capricho

historiográfico. Como parte desta longa história, a inclusão de representações das Sete Artes Liberais nas fachadas de catedrais deve ser lida como o reconhecimento dado à educação que mestres e discípulos então concebiam e praticavam (CLEAVER, 2016: 6). Uma educação que se imiscuiu na vida de muita gente desde muito cedo.

De um modo geral, a historiografia que analisou o surgimento das universidades deu grande ênfase a questões de cunho econômico e social. O ambiente urbano com seus ares renovadores, o papel menos preponderante do monaquismo, essas e outras questões formaram a cama sobre a qual diversos historiadores acomodaram suas teorias. Não desejamos simplesmente discordar do que foi feito até aqui, em absoluto. Na verdade, nosso intento é fazer novas perguntas. Perguntas que nos permitam olhar um pouco mais os protagonistas de carne, osso e ideias que vivenciaram esse processo. Foram eles que estruturaram uma pedagogia baseada em treinos diários, no respeito aos clássicos e na relação próxima entre mestres e discípulos. Em uma época como a atual na qual a barbárie do saber único materializada na tentativa de banimento das Ciências Humanas das escolas e universidades via canetadas estatais é um perigo real que nos ronda dia e noite, tais ensinamentos revelam todo o seu valor. Valor que trazia em si uma certeza: é civilizado o homem que não se basta. E assim deve ser (e por muito tempo foi) para todos, desde os primeiros anos de vida.

Considerações Finais

Um dia, a antiga tese de Philippe Ariès teve seu mérito. Inspirou e indicou caminhos. Em outras palavras: fez história. Contudo, pelo bem do conhecimento histórico, ela deve ser superada. O surgimento de diferentes livros em momentos próximos e a importância da Gramática cravada nas paredes de diferentes catedrais de importantes centros urbanos dos séculos XI-XIII indicam que a sociedade medieval, ainda que em níveis e formas muito variadas, manifestava interesse pela educação das crianças e dos mais jovens. Sem dúvida, expressões de amor e carinho. Além disso, a grande atenção que a historiografia tradicionalmente destinou às universidades e ao ensino institucionalizado que promoviam deve ser igualmente repensada, uma vez que esta acabou por ofuscar os métodos pedagógicos que por séculos permitiram a iniciação letrada de distintas gerações de estudantes.

De maneira complementar, pensar a importância da Gramática medieval é reafirmar que o medieval de fato se preocupou com seus rebentos desde a mais tenra idade e que a educação então pensada e praticada era constituída por etapas e interesses diversos. Portanto, na contramão das leituras progressistas de outrora, as universidades não foram o ápice de uma evolução linear e silenciosa, mas uma das partes de um processo amplo, orgânico e multifacetado cujas urdiduras merecem ser estudadas em conexões formadas pela movimentação de livros, pessoas e saberes, sendo estes letrados ou não. Ainda que com alguns limites, um processo que fomentou a mobilidade social e a ascensão de estudantes de origem humilde. Mas esta já é uma outra história a ser contada em uma outra oportunidade. Há algo mais urgente a ser dito.

*

O que podemos aprender com os mestres e discípulos da Idade Média e com o imenso legado pedagógico que deixaram? Fizemos essa pergunta em diferentes oportunidades ao longo dos últimos cinco anos. Novamente, lançamos mão de tal questionamento no encerramento de mais um artigo. Contudo, a resposta que aqui será posta destoa um pouco das que foi oferecido em ocasiões anteriores. Se aprender com os mestres medievais foi uma valiosa oportunidade de abertura existencial através do diálogo com o passado e do contato com novas experiências humanas no espaço e no tempo, esta não pode ser transformada em um artefato ideológico a ser manipulado com o objetivo de se construir uma resposta, na verdade, uma alternativa radical a um suposto ensino doutrinador que se faz presente em nossas escolas e universidades, públicas e privadas.

Editoras com publicações cujo objetivo é atender um filão de mercado que pensa desta maneira crescem a olhos vistos e enchem as prateleiras das livrarias.¹³ Boa parte do que publicam tem como ponto de apoio um novo eurocentrismo que se ergue firme e forte sobre a certeza de que o cristianismo foi (e ainda é) o principal pilar a sustentar a produção de conhecimentos e tecnologias no ocidente (CONRAD, 2016: 178-179). Outra faceta deste intrincado processo está na maneira como a extrema direita brasileira se apropria de elementos da cultura medieval para se dizer restauradora de tradições há tempos perdidas (PACHÁ, 2019). Sustentar tais usos indevidos do passado que não se comprovam a partir de bons argumentos que tenham como referência a análise criteriosa da documentação de época e o conhecimento historiográfico é escamotear as razões históricas e sociológicas que se escondem por trás do colapso de uma parte considerável de nosso sistema educacional:¹⁴ docentes super atarefados e mal remunerados, inexistência de uma estrutura física adequada, salas de aula lotadas, mal uso de verbas públicas, famílias desconectadas do espaço escolar, inexistência de uma cultura escolar longa, discentes emocionalmente instáveis... Em outras palavras: o passado é para ensinar e nos permitir a capacidade de pensar criticamente e construir futuros alternativos e não para ser empregado como um artefato bélico carregado com quantidades maciças de raiva e desconhecimento.

Com efeito, depois de ser rotulada de "Idade das Trevas" ao longo de vários séculos, a Idade Média atualmente emerge com gradações idílicas dos discursos reacionários daqueles que se acreditam moralmente superiores e portadores das verdades prontas e acabadas que irão acabar com tudo isso que está aí para que uma nova era assim tenha início. Nenhuma concessão às trocas e enredamentos culturais que hoje saudavelmente povoam os debates acadêmicos dentro e fora do Brasil na esperança de pôr de vez ao chão enferrujados paradigmas eurocêntricos e metodologias nacionalistas. Portanto, em um contexto de enraizamento cada vez mais profundo da barbárie interior, é sempre bom frisar: olhar para o passado nos exige uma permanente vontade de aprender, jamais esta deve ser subjugada pela obsessão de se pintar com os tons cinzas do reducionismo um outro conveniente a ser destruído, como um dia bem definiu Peter Gay (1995). E mais: usá-lo de maneira seletiva e como um mero contraponto, ou um manancial de conceitos maleáveis, além do desvio de foco, transforma o medieval, e por conseguinte a pedagogia que nele existiu, em um paraíso perdido ao qual se deseja voltar sem levar em consideração as contradições que se fazem presentes em qualquer período histórico, inclusive no nosso. Isso sim é ideologia, e das mais tóxicas. Não questioná-la, não expô-la à luz do conhecimento histórico, é aceitar que os incautos continuem a queimar livros e matar pessoas mundo afora.¹⁵ De nossa parte, ao lado do abnegado sobrevivente ao cerco de Sarajevo, antes que as

fuligens ideológicas tornem o ar irrespirável e a vida mais difícil, preferimos o frio e a fome que permitam a compreensão e a preservação do conhecimento.

Referências

Fontes Primárias

Adelard of Bath: conversations with his nephew - On the same and the different, Questiones on natural Science and On birds. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

ALAN DE LILLE. **Anticlaudianus**. Toronto: Pontifical Institute of Medieval Studies, 1973.

JOHN OF SALISBURY. **Policraticus:** of the frivolities of courtiers and the footprints of the philosophers. Cambridge: Cambridge University, 1990.

SAN BERNARDO DE CLARAVAL. **Obras completas:** cartas. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, tomo VII, 1990.

The Metalogicon of John of Salisbury: a twelfth-century defense of the verbal and logical arts of the Trivium. Berkeley/Los Angeles: University of California, 1971.

Fontes Secundárias

ARIÈS, Philippe. **Centuries of childhood**. London: Cape, 1962.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BATTLES, Matthew. **A conturbada história das bibliotecas**. São Paulo: Planeta, 2003.

BECHARA, Evanildo. Pensar a Gramática na Idade Média. In: MONGELLI, Lênia Márcia (coord.). **Trivium & Quadrivium:** as artes liberais na Idade Média. Cotia: Íbis, 1999.

BYNUM, Caroline Walker. **Jesus as mother:** studies in spirituality of the Middle Ages. Los Angeles: University of California, 1982.

CHIBNALL, Marjorie. **The world of Orderic Vitalis:** norman monks and norman knights. Oxford: Oxford University Press, 1984.

CLEAVER, Laura. **Education in twelfth-century art and architecture:** images of learning in Europe, c. 1100-1220. Woodbridge: Boydell, 2016.

CONRAD, Sebastian. **What is global history?** New Jersey/Oxford: Princeton, 2016 (Edição em Português: CONRAD, Sebastian. **O que é a História Global?** Lisboa: 70, 2019).

- COSTA, Ricardo da. A educação na Idade Média. A busca da sabedoria como caminho para a felicidade: Al-Farabi e Ramon Llull (séculos X-XIII). **Dimensões**: revista de História da UFES, Vitória, n. 15, 2003, p. 99-115.
- ENGEN, John Van (ed.). **Educating people of faith**: exploring the history of jewish and christian communities. Cambridge / Michigan: Eerdmans, 2004.
- FOSSIER, Robert. **As pessoas na Idade Média**. Petrópolis: Vozes, 2018.
- GAY, Peter. **A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud**: o cultivo do ódio. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- JOSEPH, Mirian. **O trivium**: as artes liberais da lógica, gramática e retórica. São Paulo: É realizações, 2008.
- LECLERCQ, Jean. **The love of learning and the desire for God**: a study of monastic culture. New York: Fordham University, 1961.
- LE GOFF, Jacques. **O Deus da Idade Média**: conversas com Jean-Luc Pouthier. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- LE GOFF, Jacques. **São Luís**: biografia. Rio de Janeiro / São Paulo: Record, 1999.
- LE GOFF, Jacques & TRUONG, Nicolas. **Uma história do corpo na Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- LIBERA, Alain de. **A filosofia medieval**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004.
- LYNCH, Sarah B. **Elementary and grammar education in late medieval France**: Lyon, 1285-1530. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2017.
- LYNCH, Sarah B. Pupils and sources in late medieval Lyon. **Espacio, tiempo y educación**, v. 2, n. 2, 2015, p. 296-298.
- LYNCH, Sarah B. The children's cloister: choirboys and space in late-medieval cathedrals. **Bulletin of International Medieval Research**, n. 19, 2013, p. 44-61.
- MANACORDA, Mario Alighiero. **História da educação**: da Antiguidade aos nossos dias. São Paulo: Cortez, 1989.
- McGLYNN, Sean. **A hierro y fuego**: las atrocidades de la guerra en la Edad Media. Barcelona: Crítica, 2009.
- MORIN, Edgar. **A religião dos saberes**: o desafio do século XXI. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Brasília / São Paulo: Cortez / Unesco, 2002
- NUNES, Ruy Afonso da Costa. **História da educação na Idade Média**. Campinas: Kíron, 2018.
- PACHÁ, Paulo. Why the Brazilian far right loves the European Middle Ages. Disponível em: <https://psmag.com/ideas/why-the-brazilian-far-right-is-obsessed-with-the-crusades>. Acesso em: 14 mar. 2019.
- PARSONS, Ben. **Punishment and medieval education**. S/l: Boydell & Brewer, 2018.
- PILETTI, Claudino; PILETTI, Nelson. **História da educação**: de Confúcio a Paulo Freire. São Paulo: Contexto, 2014.

RUBENSTEIN, Jay; VAUGHN, Sally N. (eds.). **Teaching and learning in northern Europe: 1000-1200**. Turnhout: Brepols, 2006.

WEI, Ian P. **Intellectual culture in medieval Paris: theologians and the university, c. 1100-1330**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

¹ Outra defesa de Jacques Le Goff pode encontrada em *O Deus da Idade Média* (2007, p. 59) “E, quanto ao Ocidente, vejo nesse tema a promoção da criança. O problema foi mal situado. Um dos nossos grandes historiadores da família, Philippe Ariès, deixou-se impressionar muito pelas críticas. Ariès sentiu alguma coisa de muita importante: a criança não tinha, na sociedade medieval, o papel quase divino que tem em algumas sociedades, em particular em nossas sociedades modernas. Philippe Ariès foi criticado a partir de uma base ruim, a base do amor dos pais e em particular do amor materno. Isso foi interpretado como ‘Philippe Ariès considera que os pais e as mães da Idade Média não amavam seus filhos’. O historiador precisa compreender que, no longo prazo, à falta de eternidade, há comportamentos e estruturas que duram muito no tempo. O amor dos pais e, em particular, o amor materno existiam na Idade Média”.

² Possivelmente, tal cuidado era uma espécie de materialização do que propunha, entre outras, *A Regra de São Bento* (cap. 37, 1-3 e cap. 30, 1-3), escrita no distante século VI: "Ainda que a própria natureza humana seja levada à misericórdia para com estas idades, velhos e crianças, no entanto que a autoridade da Regra olhe também por eles. Considere sempre a fraqueza que lhes é própria, e não se mantenha para com eles o rigor da Regra no que diz respeito aos alimentos; haja sim, em relação a eles, uma pia consideração e tenham antecipadas as horas regulares"; "Cada idade e cada inteligência deve ser tratada segundo medidas próprias. Por isso, os meninos e adolescentes ou os que não podem compreender que espécie de pena é, na verdade, a excomunhão, quando cometem alguma falta, sejam afligidos com muitos jejuns ou castigados com ásperas varas, para que se curem".

³ "Naquele momento, forma-lhe trazidas crianças para que lhes impusesse as mãos e fizesse uma oração. Os discípulos, porém, as repreendiam. Jesus, todavia, disse: 'Deixai as crianças e não as impeçais de vir a mim, pois delas é o Reino dos Céus'. Em seguida impôs-lhes as mãos e partiu dali" – Mt 19, 13-15.

⁴ Como em um conselho dado por Anselmo de Bec (1033-1109) ao ser questionado sobre os castigos a serem impostos aos mais novos: "Já viu um artesão que se contenta em bater uma lâmina de ouro ou prata para fazer uma bela imagem? Não creio. O que faz depois? Para dar forma conveniente ao metal, o oprime e golpeia docemente com algum instrumento, depois lhe pega com as mais delicadas pinças e lhe modela com ainda mais suavidade. Se desejam que seus filhos adquiram bons costumes, temperem as correções corporais com bondade paternal, com assistência cheia de suavidade" – EADMERO DE CANTERBURY, *Vida de Santo Anselmo*, cap. IV, 30-31, p. 22-23 (Edição utilizada: EADMERO DE CANTERBURY. *Vida de San Anselmo por su discípulo Eadmero*. In: *Obras completas de San Anselmo*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1952)..

⁵ Edição utilizada: PLOTINO. *Tratado das Enéadas*. São Paulo: Polar, 2000.

⁶ “Assim, a beleza das coisas materiais provém de sua comunhão com um pensamento [razão, *logos*] que provém dos deuses” – PLOTINO, *Tratado das Enéadas*, Sobre o belo, 2, p. 22-23.

⁷ Edição utilizada: ALAN DE LILLE. *Anticlaudianus*. Toronto: Pontifical Institute of Medieval Studies, 1973.

⁸ Nas últimas décadas, Edgar Morin surgiu como uma dos principais expoentes no debate internacional contra a especialização e os perigos a ela relacionados. Para Morin (2007 e 2002), uma visão democrática da vida requer a religação dos saberes, o que certamente tornará o mundo mais aberto ao diálogo e à diversidade. Religação que também traria de volta o sentido harmonioso há séculos pensado pelos mestres medievais que lidaram com as Artes Liberais.

⁹ "Na comunidade política, o príncipe ocupa o lugar da cabeça, e se encontra sujeito somente a Deus e a quem, em nome d'Ele, faz seu papel na terra, da mesma forma que, no corpo humano a mesma cabeça tem vida e é governada pela alma. O senado ocupa o lugar do coração, já que dele procedem os começos dos atos bons e maus. Os juízes e os governantes das províncias reclamam para si a missão dos olhos, dos ouvidos e da língua. Os oficiais e os soldados correspondem às mãos. Os que assistem ao príncipe de modo estável são semelhantes ao flanco. Os questores e escrivães – não os que controlam os cárceres, mas os encarregados do erário privado do príncipe – podem ser comparados ao ventre e aos intestinos. Se estes são congestionados por uma desmedida avidez e retêm com excessivo empenho o que acumularam, provocam inumeráveis e incuráveis doenças, até que essa dor traga a destruição de todo o corpo. Os agricultores se parecem aos pés, pois também se encontram continuamente no solo. Para eles é

especialmente necessária a atenção da cabeça, já que tropeçam em muitas dificuldades enquanto pisam a terra com o trabalho de seu corpo, e merecem ser protegidos com tanta ou mais justa proteção para se manterem de pé, sustentarem e moverem todo o corpo. Retire de qualquer corpo essas peças dos pés que, por mais robusto que ele seja, não poderá caminhar por suas próprias forças, mas tentará se arrastar torpemente com as mãos, sem consegui-lo e com grande fadiga, ou só poderá se mover com o auxílio das bestas" (JOÃO DE SALISBURY, *Policraticus*, Livro V, 2, p. 67) (Edição utilizada: JOHN OF SALISBURY. *Policraticus: of the frivolities of courtiers and the footprints of the philosophers*. Cambridge: Cambridge University, 1990).

¹⁰ Edição utilizada: *The Metalogicon of John of Salisbury: a twelfth-century defense of the verbal and logical arts of the Trivium*. Berkeley / Los Angeles: University of California, 1971.

¹¹ Algo semelhante é encontrado em uma das epístolas de Bernardo de Claraval (1090-1153): "Se sentir o aguilhão da tentação, olhe a serpente de bronze pendurada na madeira e sorva, não das feridas, mas dos peitos do Crucificado. **Ele será a sua mãe e você o filho dele**. E esses cravos já não causarão dor alguma ao Crucificado, porque unirão suas mãos e seus pés aos seus" (BERNARDO DE CLARAVAL, *Epístola 322*, 1, p. 963) (Grifos nossos) (Edição utilizada: SAN BERNARDO DE CLARAVAL. *Obras completas: cartas*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, tomo VII, 1990).

¹² Edição utilizada: *Adelard of Bath: conversations with his nephew - On the same and the different, Questiones on natural Science and On birds*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

¹³ Dentre elas, podemos citar a *É Realizações, Vide Editorial, Kíron* e a *Ecclesiae*. Embora essas editoras apresentem excelentes trabalhos de edição e boas traduções de importantes pensadores medievais, algumas até então inéditas na Língua Portuguesa, não podemos negar o fato de que elas também caminham de acordo com as novas demandas do mercado consumidor. Um mercado em parte constituído por gente que piamente acredita que as escolas e as universidades públicas com seus respectivos professores são as responsáveis diretas pelas mazelas de nossa sociedade, e não o seu produto.

¹⁴ Uma parte porque as experiências bem sucedidas dos Institutos Federais públicos espalhados pelo território nacional traduzidas em alto desempenho discente observado em diferentes avaliações indicam que o problema de nossa educação é estrutural e não ideológico ou de inteira responsabilidade dos professores supostamente doutrinadores.

¹⁵ Neste caso, não há como esquecer da chacina que no dia 15 de março de 2019, em diferentes mesquitas da cidade de Christchurch, na Nova Zelândia, ceifou as vidas de quarenta e nove pessoas. O autor do massacre transmitido ao vivo pelas redes sociais, Brenton Tarrant, escreveu com tinta branca nas munições que utilizou os nomes de batalhas que na Idade Média e início da modernidade supostamente teriam impedido que o mundo ocidental se submetesse ao islã.